

26506

## PARA O ESTUDO DAS ESTRUTURAS SINTÁTICAS DO PORTUGUÊS MODERNO

*Lélia Erbolato Melo*

### NOTA PRELIMINAR

A idéia da realização desta pesquisa surgiu nos cursos de Lingüística que fizemos na Universidade de São Paulo, em 1965-1966 e, posteriormente, na Universidade de Paris, (Sorbonne), 1967-1969. Ela reflete também nossas preocupações com o estudo da língua materna, no decorrer de uma carreira docente, tanto no ensino médio como na Faculdade de Filosofia de Marília (São Paulo).

Vários fatores concorreram para sua concretização: a concessão de uma bolsa de suplementação pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), de setembro de 1971 a agosto de 1972; a colaboração do Centro de Processamento de Dados (CPD) da Escola de Engenharia de São Carlos (USP), através de seu então Diretor, professor Saverio Lia; a orientação bibliográfica e metodológica do professor Cidmar T. País, da Universidade de São Paulo.

### INTRODUÇÃO

Não é possível imaginar uma língua sem sintaxe, mas nem todas as línguas se servem dos mesmos processos sintáticos. Se entendemos por sintaxe o estudo das relações que as palavras contraem na frase, logo podemos supor que a amplitude destas relações varia de língua para língua. A tarefa da sintaxe será, pois, determinar, em cada língua, o *status* de cada unidade significativa. Não é possível também

reviver o estruturalismo sem Saussure, para quem, aliás, a noção essencial é a de sistema. Para ele, a língua é um sistema. Uma vez caracterizada a língua como sistema, trata-se de analisar sua estrutura. Cada sistema, por sua vez, se define pela disposição interna de seus elementos — certas combinações são diferentes, outras mais raras e, por último, outras teoricamente possíveis, mas que não se realizam jamais. Considerar, portanto, a língua (ou cada parte de uma língua) como um sistema organizado, segundo uma estrutura que se tem de descobrir e descrever, significa adotar o “ponto de vista estruturalista”. Isto nos leva, então, a deduzir que estudar as estruturas sintáticas básicas do português moderno, dentro das condições normais de funcionamento desta língua, num limite de tempo determinado e de um ponto de vista exclusivamente lingüístico, é propósito que tende a esbarrar com uma série de problemas de natureza diversa. Por isso, destacar características comuns a uma prosa tão rica e variada como a nossa constitui, de certo modo, para nós, um resultado valioso. Neste artigo, nossa abordagem lingüística recairá, portanto, sobre a sintaxe e, conseqüentemente, sobre a estrutura lingüística, através de algumas considerações acerca dos seguintes pontos:

1. Justificação dos critérios de seleção de textos e do método de trabalho que adotamos para clareza de exposição dos resultados obtidos.

2. Aspectos da metodologia na sintaxe, visando a evidenciar o anacronismo do nosso ensino gramatical em relação à sintaxe, uma vez que a atual pedagogia da gramática já não coincide com o contexto escolar onde a mesma se situa.

3. Caracterizações correntes das funções sintáticas baseadas numa revisão de critérios utilizados, quase sempre implicitamente, pelas gramáticas de português.

4. Análise do comportamento das estruturas sintáticas básicas do português moderno, ressaltando, para isso, suas implicações do ponto de vista qualitativo e quantitativo, com o auxílio do computador.

## 1. MATERIAL E METODOLOGIA

### 1.1. Corpus analisado

Serviu-nos de campo de observação a língua escrita. Para reduzir a distância entre a língua escrita e a língua fa-

lada, selecionamos textos que, pela natureza do assunto e pela abundância de diálogos, retratassem aproximadamente a língua coloquial do Brasil. Em função disso, fizemos, pois, uma série de leituras prévias para, em seguida, escolher as obras que constituiriam o *corpus* definitivo. Nesta tentativa de delimitação do campo em que trabalharíamos, procuramos variar os gêneros (teatro, crônica, romance, linguagem científica, editorial, notícia esportiva, propaganda, entrevista e reportagem). Recorremos, como se observa, à literatura e à imprensa, por dois motivos: 1) A literatura acompanha os padrões estéticos da linguagem vigentes nas várias épocas. Além disso, sabemos que as grandes conquistas modernas, no plano literário, têm procurado aproximar a língua literária da língua falada, no sentido de descobrir-lhe valores expressivos; 2) Quanto à linguagem jornalística, podemos adiantar que é um excelente repositório do coloquial, pela necessidade de comunicação direta. Uma vez fixada a natureza da linguagem a ser analisada, escolhemos vinte e cinco textos, relativamente longos (textos literários), e relativamente curtos (textos não-literários). Em relação aos textos literários, preferimos aqueles que fossem representativos das diferentes regiões do Brasil: São Paulo (Jorge Andrade e Lygia Fagundes Telles); Pernambuco (Nelson Rodrigues); Bahia (Jorge Amado e Adonias Filho); Rio de Janeiro (Carlos H. Cony); Paraná (Dalton Trevisan); Alagoas (Graciliano Ramos); Minas Gerais (Fernando Sabino e Luiz Vilela); Paraíba (Lins do Rêgo); Espírito Santo (Rubem Braga).

Resumindo: nosso *corpus* é variado, mas cingido no tempo e no espaço. Observando-se, por exemplo, o quadro geral dos gêneros, constataremos que eles estão distribuídos em grupos retrocessivos: de 1960-1970 até 1938. Quantitativamente, temos oitenta páginas, assim distribuídas: romance (= 30); conto (= 20); teatro (= 9); entrevista e reportagem (= 8); linguagem científica (= 4); editorial (= 3); crônica (= 2); notícia esportiva (= 2); propaganda (= 2).

## 1.2. Metodologia

1.2.1. Como queríamos apresentar nossa pesquisa dentro de uma técnica linguística descritiva, submetemos os textos selecionados a uma análise sistemática, uma vez que tínhamos em vista duas perspectivas: caracterizar o fato e medi-lo. Para caracterizá-los, tomamos como ponto de partida apenas as funções primárias, a saber: sujeito, verbo, objeto, atributo, complemento circunstancial, agente da passiva, porque enten-

demos que a análise sintática tem como objetivo de estudo essas funções.

1.2.2. Nesta etapa preliminar da nossa pesquisa, inspiramo-nos em Jean-Claude CORBEIL.<sup>1</sup> Inicialmente, segmentamos cada texto em frases e cada frase foi transcrita numa ficha e numerada de acordo com a ordem de sucessão no texto. Exemplo: (3.1-36); 36 indica que se trata da *trigésima sexta* frase do *texto 3.1* (conto: "Os objetos", de Lygia F. Telles). Uma frase, para nós, pode ser constituída de um ou de vários arranjos sintáticos. Quanto ao termo "arranjo", convém lembrar que para Saussure os únicos métodos corretos de análise lingüística eram a segmentação e a classificação. Aplicando estes métodos, o lingüista determina os arranjos a que se reduzem as unidades assim analisadas. Entendemos por "arranjo sintático", em nosso trabalho, toda sucessão de funções primárias que formam um todo sintático. Exemplos:

(1) "Eu arranjo tudo." (1.2-11)

*Um arranjo:* S — V — COD.

(2) "Eu era pequeno mas sabia que ele tinha vivido e sofrido muita coisa." (3.3-32)

*Dois arranjos:* S — V — A

|  
mas

|  
V — COD

(3) "Apanha a caneta, apóia o caderno nos joelhos." (4.2-18)

*Dois arranjos:* V — COD

|  
|  
V — COD — CC

No que se refere à segmentação, fizemos também uma distinção entre a coordenação sintática e a coordenação sintagmática. Exemplos:

(1) "O dia estava escuro e uma ventania agitava as palmeiras." (3.3, p. 29)

(2) "Minha irmãzinha, que tinha dois anos, comia terra." (3.1, p. 20)

(3) "Aquele professor de latim é chato e burro." (1.1, p. 10)

1.2.3. Para desvendarmos com rapidez a exatidão a engrenagem dos arranjos sintáticos identificados, recorreremos ao computador. A preparação dos textos e a sua condificação constituíram uma missão espinhosa, invisível para aqueles que terão, agora, somente os resultados.

## 2. ASPECTOS DA METODOLOGIA NA SINTAXE

O procedimento tradicional na sintaxe consistia em identificar as várias partes do discurso por referência às suas supostas funções. Por isso, tem-se apontado como uma das restrições a esse tipo de procedimento a ênfase acentuada numa análise lógica das categorias, que levava, finalmente, a prejudicar os resultados. No tocante à lingüística moderna, constatamos que ela tem sido mais feliz, porque tem procurado vencer os obstáculos mentais criados pelos processos tradicionais. A esse respeito, Pierre Guiraud pondera que "ela estabeleceu o caráter essencialmente a-lógico da linguagem. Nem por isso o preconceito lógico deixou de pesar na gramática atual, tanto no ensino da língua como na fixação do uso".<sup>2</sup> De fato, encontram-se, ainda hoje, alguns princípios práticos para a localização de sujeito e predicado, do tipo: o predicado comporta necessariamente um verbo; o sujeito pode ser localizado fazendo-se perguntas ao verbo. Ora, ao considerar-se o verbo como palavra principal do predicado, confundem-se automaticamente o plano sintático e o semântico.

O que se depreende, pois, sobre o campo programático do ensino de português, é a necessidade urgente de opção por um critério. Assim, partindo da própria análise da expressão lingüística, poderíamos levar o aluno a operar com dicotomias. Esta metodologia não é difícil para o aluno, que dá os primeiros passos no estudo da sintaxe portuguesa, porque não conhece ainda outros procedimentos. Mais difíceis são as técnicas da análise tradicional, que multiplicam a nomenclatura, trancam, freqüentemente, orações, ou então, confundem critérios. Por isso, um período submetido a essa espécie de exame mais se assemelha, para nossos alunos, a um campo de batalha, "onde acabam sobrando membros e faltando cabeças".

## 3. CARACTERIZAÇÕES CORRENTES DAS FUNÇÕES SINTÁTICAS

Há muito, o estudo das funções sintáticas atrai a atenção daqueles que se dedicam à língua portuguesa. No entan-

to, com base em pesquisa realizada em gramáticas de língua portuguesa, desde Eduardo Carlos Pereira<sup>3</sup> até autores mais recentes, como Rocha Lima, Evanildo Bechara, Gladstone Chaves de Melo e Celso Cunha, verificamos que sob os rótulos de “termos essenciais”, “termos integrantes” e “termos acessórios” da oração, as gramáticas escolares apresentam uma classificação divergente, por não ter havido, a princípio, uniformidade no tratamento dos mesmos. (V. Quadro anexo). Em nossa opinião, o problema se agrava mais, a partir do momento em que eles são abordados como fatos gramaticais isolados, isto é, não integrados no todo, no caso, a língua. Por exemplo: os complementos são estudados simultaneamente na sua relação com verbos, substantivos e adjetivos, não se estabelecendo distinção entre regência verbal e nominal. Como consequência, os autores, muitas vezes, ao caracterizarem os “termos da oração”, não nos fornecem uma descrição precisa e segura. Insistindo no mesmo ponto, entendemos que isto ocorre justamente porque os critérios adotados para a classificação variam entre os autores. Falta-lhe estabelecer uma hierarquia, por ocasião da utilização de tais critérios. Falta-lhes, portanto, uma sistematização didática, que impediria, finalmente, que a análise sintática se tornasse um “cavalode-batalha” para alunos e professores. Ela passaria, então, a ser encarada como uma análise do pensamento expresso pela linguagem articulada, enfim, como “a interpretação dos valores ou das funções sintáticas”. Assim, “a interpretação das funções sintáticas consistiria, portanto, em traduzir, em transformar um processo psíquico intuitivo em processo racional”.<sup>1</sup> Tal procedimento evitaria que reflexões contidas nas gramáticas de português nos levassem, algumas vezes, a conclusões como estas:

a) As definições de sujeito e predicado, além de serem correlatas, traduzem a reciprocidade existente entre os dois termos fundamentais e mostram também que o sujeito é o ponto de partida. Desse modo, o sujeito, sob o aspecto sintático, é o termo principal da oração: não está subordinado a outro termo, e o verbo com ele concorda. Por outro lado, o predicado, sob o aspecto semântico, é o termo principal da oração, porque encerra a idéia central, em torno da qual giram todas as outras. b) As gramáticas mais recentes, por sua vez, ora complicam, ora simplificam as explicações dos “termos da oração”, quando incluem ou excluem outras noções gramaticais. A título de ilustração, citaremos, inicialmente, a definição do predicado verbal, segundo E. Bechara: “Quando o predicado exprime uma ação que o sujeito pratica ou sofre, o

verbo constitui o seu elemento principal.<sup>5</sup> Daí chamar-se *verbal* a este tipo de predicado.” Esta definição pressupõe, como se observa, que o aluno já tenha estudado as vozes verbais, porque se refere ao sujeito agente (1) e ao sujeito paciente (2):

- (1) Machado de Assis escreveu belos livros.
- (2) Belos livros foram escritos por Machado de Assis.

Fato semelhante se repete na gramática de Rocha Lima a propósito do objeto direto, que ele define assim: “O objeto direto é o complemento que, na voz ativa, representa o paciente da ação verbal.”<sup>6</sup> Temos, a esta altura, uma amostra de como é complexo o problema da análise sintática, em português. Falta às gramáticas escolares a distinção entre o ponto de vista mentalista e o ponto de vista lingüístico. A especulação abstrata deveria ser substituída pela análise baseada no funcionamento lingüístico. Tal procedimento permitiria ao aluno manipular a frase, e esta manipulação o levaria à descoberta das propriedades lingüísticas desta ou daquela estrutura, enfim, das riquezas subjacentes. Conseqüentemente, o chamado “ensino intuitivo”, hoje ainda praticado no domínio da língua portuguesa, limita-se, no que se refere à análise sintática, a reconhecer esta ou aquela função. Os procedimentos lingüísticos envolvidos na estrutura estudada não entram, pois, em cogitação.

#### 4. ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DAS ESTRUTURAS SINTÁTICAS DO PORTUGUÊS MODERNO.

##### 4.1. *Generalidades*

A partir da identificação e classificação dos arranjos sintáticos, por ordem de frequência e porcentagem, pretendemos mostrar a hierarquia que se estabelece entre as estruturas sintáticas. Através desse procedimento, pudemos, pois, avaliar a representatividade das estruturas básicas do português moderno em textos significativos. Em nosso trabalho, essa análise quantitativa foi visualizada através de quadros e histogramas resultantes da análise computacional. Neste item, tentaremos evidenciar a sistematização do emprego das estruturas sintáticas mais frequentes do português moderno, num “*corpus* de amostragem”. Nesta perspectiva, definiremos também, na medida do possível, o *status* de cada uma dessas es-

TERMOS DA ORAÇÃO

EDUARDO C. PEREIRA	ROCHA LIMA	CELSO CUNHA	BECHARA	CHAVES DE MELO
Os elementos de uma proposição são os seus membros em número de três	Termos básicos da oração	Termos essenciais da oração	Termos essenciais da oração	Termos da oração funções essenciais
sujeito predicado complemento predicado: gramatical nominal verbal adverbial	sujeito predicado: nominal verbal verbo-nominal ou misto	sujeito predicado: nominal verbal verbo-nominal	sujeito predicado: verbal nominal verbo-nominal	sujeito predicado: nominal verbal verbo-nominal
complementos essenciais: objetivo e terminativo	Termos integrantes: complemento nominal complementos verbais: objeto direto objeto indireto complemento relativo complemento circunstancial	Termos integrantes: complemento nominal complementos verbais: objeto direto objeto indireto Termos acessórios: agente da passiva adjunto adnominal adjunto adverbial aposto	Constituição do predicado verbal: verbo intransitivo verbo transitivo complementos verbais: objeto direto objeto indireto Complementos nominais: adjuntos adnominal adverbial agente da passiva aposto vocativo	Funções acessórias adjuntos: adnominal aposto adverbial aposto circunstancial Subfunções complementos verbais: objeto direto objeto direto posicionado objeto indireto agente da passiva complemento nominal complemento predicativo: do objeto do sujeito Aposto de oração ou período Vocativo
complementos acessórios: atributivo e circunstancial	Termos acessórios: agente da passiva adjunto adnominal aposto adjunto adverbial			



truturas, no português moderno. É pela sua função que se considera lingüístico um elemento no enunciado, e, conforme veremos, é de acordo com a natureza da sua função que o classificaremos entre os outros elementos retidos. Este assunto é fascinante e esgotá-lo sairia fora dos nossos limites.

Há numa frase uma forma interior e uma forma exterior. Uma sintaxe estrutural, ocupando-se da frase, deve levar em conta estas duas ordens de fatores, ou seja: procurar descobrir-lhe a estrutura e a classe de ocupantes dessa estrutura. Porque concentramos nossa atenção no estudo das funções primárias e, portanto, em mais de um tipo de frase, não nos ocupamos das classes de ocupantes das estruturas sintáticas. Dentro desse esquema, e porque visamos ao comportamento daquelas estruturas, demos grande importância à colocação, que constitui um dos processos mais comuns da sintaxe. Entendemos que a colocação é uma marca estrutural importante, porque se refere à posição da palavra no enunciado. A primeira vista, a ordem dos elementos lingüísticos parece ser simples, mas, observando-se mais atentamente, concluímos que ela, na realidade, tem interesse psicológico, estilístico e gramatical. Assim, constatamos que, se nas línguas românicas predomina o tipo sujeito-verbo-complemento, isto quer dizer que, em português, como nas demais línguas românicas, há preferência pela ordem direta. É o que atestam nossas gramáticas de português.

#### 4.2. *Constituição do corpus analisado*

A constituição geral do *corpus* estudado nos permite conhecer a distribuição dos nove gêneros analisados, por ordem de importância quantitativa. Temos então:

Conto .....	621 arranjos	25,74%
G. R., L. R., J. A. ....	440 arranjos	18,23%
Romance .....	439 arranjos	18,19%
Entrevista e reportagem .....	273 arranjos	11,31%
Teatro .....	242 arranjos	10,03%
Notícia esportiva .....	108 arranjos	4,48%
Crônica .....	105 arranjos	4,35%
Editorial .....	96 arranjos	3,98%
Linguagem científica .....	62 arranjos	2,57%
Propaganda .....	27 arranjos	1,12%

Como se observa, no quadro a seguir, nosso *corpus* de amostragem é constituído de vinte e cinco textos, relativamente longos e relativamente curtos.

FREQUÊNCIA E PORCENTAGEM DOS ARRANJOS SINTÁTICOS DE CADA TEXTO NO CORPUS

GÊNERO	CÓDIGO	FREQUÊNCIA	PORCENT.
TEATRO	1.1	117	4,85
	1.2	125	5,18
CRÔNICA	2.1	52	2,16
	2.2	53	2,19
CONTO	3.1	305	12,64
	3.2	90	3,73
	3.3	77	3,19
	3.4	149	6,18
ROMANCE	4.1	75	3,11
	4.2	114	4,72
	4.3	250	10,36
LÍNG. CIENTÍFICA	5.1	28	1,16
	5.2	34	1,41
EDITORIAL	6.1	27	1,12
	6.2	27	1,12
	6.3	42	1,74
NOTÍCIA ESPORTIVA	7.1	70	2,90
	7.2	38	1,58
PROPAGANDA	8.1	13	0,54
	8.2	14	0,58
ENTREVISTA E REPOR- TAGEM	9.1	237	9,82
	9.2	36	1,49
G. RAMOS — LINS DO RÊGO — J. AMADO	10.G	208	8,62
	10.L	157	6,50
	10.J	75	3,11

Pelo exposto, temos, segundo a frequência e a porcentagem dos arranjos de cada texto, no interior de cada gênero, a seguinte distribuição:

TEXTO	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
<i>Literário</i>	1847	76,54
<i>Não-Literário</i>	566	23,46

A esta altura, não ignoramos a constituição geral do nosso *corpus*. Resta-nos estabelecer uma classificação destes arranjos, por ordem de frequência e porcentagem, que nos

permitirá, então, avaliar a hierarquia que se estabelece entre as sessenta e duas estruturas sintáticas diferentes. Os tipos recolhidos têm distribuição e frequência *sui generis*, isto é, cada um tem a sua distribuição e a sua frequência. Por isso, achamos que deveríamos estudar as estruturas separadamente e abalancar-lhes o grau de produtividade. Paralelamente, neste estudo, optamos, devido à extensão de *corpus*, pelas estruturas mais produtivas, ou seja, aquelas que têm mais probabilidade de ocorrência. Tal fato ocorre justamente com os oito primeiros arranjos sintáticos, que são os mais significativos no *corpus* analisado. O quadro abaixo comprova esta afirmação:

FREQUÊNCIA E PORCENTAGEM DOS OITO PRIMEIROS ARRANJOS NO CORPUS

ARRANJO	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
V — COD	462	19,15
V	353	14,62
S — V	298	12,34
S — V — COD	261	10,82
V — A	163	6,76
S — V — A	153	6,34
V — COI	109	4,52
S — V — COI	95	3,94
SUBTOTAL	1.894	78,49
OUTROS	519	21,51
TOTAL	2.413	100,00

Chegamos, assim, às seguintes observações: 1) Nosso *corpus* consta de 2.413 arranjos sintáticos. 2) Os oito arranjos relacionados totalizam uma frequência de 1.894, o que corresponde a aproximadamente 80% do conjunto do nosso efetivo. 3) Em primeiro lugar, encontra-se o arranjo V — COD

com uma frequência que, sozinha, representa 19,15% do efetivo total. 4) Finalmente, notamos que a porcentagem do primeiro arranjo (19,15%) diferencia pouco da soma das porcentagens dos quatro últimos arranjos (21,56%). Estas observações, por sua vez, nos levam a salientar: a) A diferença re-

lativa de porcentagem entre o primeiro e o segundo arranjos. b) As porcentagens próximas entre o segundo, o terceiro e o quarto arranjos. c) A diferença relativa de porcentagem entre o quarto e o quinto arranjos. d) As porcentagens próximas entre o quinto e o sexto arranjos. e) Enfim, as porcentagens relativamente baixas do quinto, sexto, sétimo e oitavo arranjos, especialmente as dos dois últimos.

#### 4.3. Resultados obtidos

1. A partir dos oito primeiros arranjos sintáticos, constatamos que as estruturas sintáticas básicas do português moderno, de acordo com a disposição interna de seus elementos, resumem-se, finalmente, em quatro tipos, que apresentam variantes combinatórias ou posicionais pela ausência, real ou aparente, de um de seus constituintes. São variantes porque, embora se oponham e contrastem entre si, não se opõem à estrutura toda, pois não estão na mesma ordem de relação com ela.

a)  $E : S + V + COD$ . Esta estrutura é formada por <sup>1</sup> dois constituintes: sujeito e predicado, sendo este constituído por verbo transitivo (Vt) + Complemento objeto direto (COD). Exemplo: “*Você sempre diz isso*” (3.4-52). A estrutura *um* é quantitativamente menos numerosa que a *estrutura dois*, embora registre uma frequência relevante (261 ocorrências). A porcentagem desta estrutura, no *corpus*, é de 10,82%, sobrando 67,67% para as demais. b)  $E : S + V$ .

<sup>1</sup> Esta estrutura é formada de dois constituintes: sujeito e predicado, sendo este constituído por verbo intransitivo (Vi). Exemplo: “*A menina não respondeu.*” (3.2-13). A frequência desta estrutura também é relevante (298 ocorrências). Sua porcentagem no *corpus* corresponde a 12,34%, sobrando 66,15% para as demais. c)  $E : S + V + A$ . Esta estrutura

<sup>3</sup> é formada de dois constituintes: sujeito e predicado, sendo este formado, geralmente, por verbo de ligação ou copulativo. Exemplo: “*Meu avô não era chato.*” (3.3-5). A *estrutura três* assinala uma frequência regular (153 ocorrências). Sua porcentagem, no *corpus*, equivale a 6,34%, sobrando 72,15% para as demais. d)  $E : S + V + COI$ . Esta estrutura é formada

<sup>4</sup> de dois constituintes: sujeito e predicado, sendo este formado por verbo transitivo (Vt) + complemento objeto indireto

(COI). Exemplo: “*Eu acredito nisso.*” (9.1-144). A estrutura quatro, embora apresente uma frequência significativa (95 ocorrências) é, quantitativamente, menos numerosa que a estrutura um, uma vez que registra a porcentagem de 3,94%, sobrando, então, 74,55%.

2. O grau de produtividade das estruturas sintáticas varia segundo a natureza de seus constituintes. Comparadas entre si a  $E_1$  é a mais produtiva, porque é a mais freqüente (33,11%). A  $E_2$  aproxima-se da produtividade da  $E_1$  (31,95%). A  $E_3$  apresenta uma frequência regular no *corpus*, pois corresponde a 16,62%. Finalmente, quanto à  $E_4$ , verificamos que é pouco significativa (9,99%). O quadro abaixo mostra o que acabamos de afirmar:

$E_1$	: S + V + COD	— variantes	799	33,11%
$E_2$	: S + V	— variantes	771	31,95%
$E_3$	: S + V + A	— variantes	401	16,62%
$E_4$	: S + V + COI	— variantes	241	9,99%

Observando-se estes dados, vemos que a língua oferece um sistema de possibilidades. É uma questão de escolha, como acontece com tudo o que tem função definida no sistema.

3. Já dissemos que a frequência dos oito primeiros arranjos sintáticos no *corpus* corresponde a 78,49% do total. Agora, estamos em condições de mostrar como eles se encontram distribuídos nos textos literários e não-literários. Vejamos:

TEXTOS	ARRANJOS	PORCENTAGEM
<i>Literários</i>	1476	61,17
<i>Não-Literários</i>	418	17,32

A fim de podermos confrontar a importância relativa de cada arranjo nos textos, reduzimos, em termos percentuais, os totais de arranjos de cada gênero ao mesmo denominador comum. Desta forma, inferimos que V — COD é o arranjo de

maior frequência percentual nos textos literários (18,95%) e não-literários (19,79%), seguido de V (16,73) e de S — V (13,81%), nos textos literários, e de S — V — COD (13,60%), nos textos não-literários. (V. anexos 1 e 2).

## CONCLUSÃO

a) Dos fatores que concorrem para alterar a seqüência lógica dos termos de uma oração, o mais importante é a ênfase. Assim, o realce do sujeito provoca, geralmente, sua posição ao verbo. Ao contrário, o realce do atributo e do objeto (direto ou indireto) é expresso, geralmente, por sua antecipação ao verbo.

b) Em relação à colocação dos complementos circunstanciais (CC), verificamos que, de certo modo, eles individualizam uma estrutura sintática. Logo, o número e a posição dos CC são responsáveis pela variedade de arranjos.

c) Se a língua dos nossos dias, na opinião de muitos estudiosos, traduz a civilização atual, rápida no enunciado, em virtude da própria rapidez espantosa do desenvolvimento material, científico e técnico, é fácil compreender por que os lingüistas tendem cada vez mais a dilatar o recurso à numeração e ao uso da estatística no estudo de fatos lingüísticos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CORBEIL, J. C. — *Les structures syntaxiques du français*. Paris, Libr. Klincksieck, 1968.
2. GUIRAUD, P. — *La grammaire*. Paris, P.U.F., 1967, p. 10.
3. PEREIRA, E. C. — *Gramática expositiva*. São Paulo, Ed. Nacional, 1938.
4. MELO, G. Ch. de. — *Iniciação à filologia portuguesa*. Rio de Janeiro, Livr. Acadêmica, 1957, p. 189. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Livr. Acadêmica, 1970, p. 18-21. Rio de Janeiro, Livr. Acadêmica, 1970, p. 18-21.
5. BECHARA, E. — *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo, Ed. Nacional, 1970, p. 249-250.
6. LIMA, C. H. da R. — *Gramática normativa da língua portuguesa*. São Paulo, Livr. José Olympio, 1972, p. 212.
7. CUNHA, C. — *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte, Ed. Bernardo Álvares, 1970.

## A N E X O 1

### FREQUÊNCIA E PORCENTAGEM DOS OITO PRIMEIROS ARRANJOS NOS TEXTOS LITERÁRIOS E NÃO-LITERÁRIOS

ARRANJOS	Literários		Não-Literários		T O T A L	
	FREQ.	%	FREQ.	%	FREQ.	%
V — COD	350	18,95	112	19,79	462	19,15
V	309	16,73	44	7,77	353	14,62
S — V	255	13,81	43	7,60	298	12,34
S — V — COD	184	9,96	77	13,60	261	10,82
V — A	128	6,93	35	6,18	163	6,76
S — V — A	115	6,23	38	6,71	153	6,34
V — COI	78	4,22	31	5,48	109	4,52
S — V — COI	57	3,08	38	6,72	95	3,94
<b>SUBTOTAL</b>	<b>1.476</b>	<b>79,91</b>	<b>418</b>	<b>73,85</b>	<b>1.894</b>	<b>78,49</b>
<b>OUTROS</b>	<b>371</b>	<b>20,09</b>	<b>148</b>	<b>26,15</b>	<b>519</b>	<b>21,51</b>
<b>T O T A L</b>	<b>1.847</b>	<b>100,00</b>	<b>566</b>	<b>100,00</b>	<b>2.413</b>	<b>100,00</b>

A N E X O 2

FREQÜÊNCIA E PORCENTAGEM DOS OITO PRIMEIROS ARRANJOS EM CADA GÊNERO DOS TEXTOS LITERÁRIOS E NÃO-LITERÁRIOS ANALISADOS

L I T E R Á R I O S

ARRANJOS SINTÁTICOS	TEATRO		CRÔNICA		CONTO		ROMANCE		G. R. L. R. J. A.	
	FREQ.	%	FREQ.	%	FREQ.	%	FREQ.	%	FREQ.	%
V - COD	32	13,23	24	22,86	134	21,58	85	19,36	75	17,05
V	44	18,18	12	11,43	111	17,87	51	11,62	91	20,68
S - V	16	6,61	2	1,90	89	14,33	83	18,91	65	14,77
S - V - COD	17	7,02	12	11,43	50	8,05	74	16,86	31	7,05
V - A	20	8,26	6	5,71	45	7,24	18	4,10	39	8,86
S - V - A	27	11,16	14	13,33	36	5,80	21	4,78	17	3,86
V - COI	7	2,89	7	6,68	26	4,19	8	1,82	30	6,82
S - V - COI	6	2,48	2	1,90	18	2,90	21	4,78	10	2,27
SUBTOTAL	169	69,83	79	75,24	509	81,96	361	82,23	358	81,36
OUTROS	73	30,17	26	24,76	112	18,04	78	17,77	82	18,64
T O T A L	242	100,00	105	100,00	621	100,00	439	100,00	440	100,00

N Ã O - L I T E R Á R I O S

LINGUAGEM CIENTÍFICA	EDITORIAL		NOTÍCIA ESPORTIVA		PROPAGANDA		ENTREVISTA E REPORTAGEM		T O T A L	
	FREQ.	%	FREQ.	%	FREQ.	%	FREQ.	%	FREQ.	%
14	22,58	15,62	21	19,44	5	18,52	57	20,88	462	19,15
4	6,45	4,16	8	7,41	2	7,41	26	9,53	353	14,52
5	8,06	6,25	10	9,26	1	3,70	31	7,69	298	12,34
9	14,52	15,63	16	14,81	1	3,70	36	13,19	261	10,82
3	4,84	3,13	2	1,85	3	11,11	24	8,79	163	6,76
8	12,90	7,29	3	2,78	2	7,41	18	6,59	153	6,34
2	3,23	9,38	7	6,48	—	—	13	4,76	109	4,52
4	6,45	11,46	6	5,56	3	11,11	14	5,13	95	3,94
49	79,03	72,92	73	67,59	17	62,95	209	76,56	1.894	78,49
13	20,97	27,08	35	32,41	13	27,04	64	23,44	519	21,51
62	100,00	100,00	108	100,00	27	100,00	273	100,00	2.413	100,00